REVISTA RAÍDO

OPEN ACCESS

UFGD

DOI: 10.30612/raido.v19i47.18823

Escritoras brasileiras de literatura infantil e juvenil: história e resistência em marcas autobiográficas (século xx)

Brazilian writers of children's and young people's literature: history and resistance in autobiographical marks (20th century)

Ana Raquel Costa Dias
E-mail: profa.anaraquel@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4534-0354

Elisângela Figueiredo de Oliveira Silva
E-mail: presidência@camaragyn.go.gov.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0005-9731-4720

Resumo: Neste artigo se reflete sobre as marcas autobiográficas presentes nas produções de algumas escritoras brasileiras de literatura infantil e juvenil, considerando o ato de produção desses textos como manifestações fidedignas de resistência, perante um sistema patriarcal e excludente. O recorte se faz na problematização de escritas feitas por mulheres nascidas no século XX, representantes na literatura infantojuvenil e autoras de textos autobiográficos que revelam enfrentamentos, vozes, relações de poder, contextos vivenciados e intencionalidades. A discussão insere-se nos estudos da história das mulheres, da literatura como fonte histórica e do exercício autobiográfico, considerando a consonância dessas perspectivas como escritas denunciantes e de combate. Em essência, este trabalho também procurou evidenciar que autoras brasileiras inseridas em distintos contextos sociais, políticos e econômicos, utilizaram a escrita

de si para contar imaginários, sensibilidades e processos. Ademais, é possível refletir que a produção autobiográfica pode impactar e instigar as novas gerações, leitoras de literaturas infantis e juvenis, a conhecerem histórias de vida de mulheres brasileiras. Consideraram-se as produções de Alaíde Lisboa de Oliveira, Ana Maria Machado, Clarice Lispector, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Tatiana Belink e Zélia Gattai.

Palavras-chave: Autobiografia; Literatura Infantojuvenil; Escritoras brasileiras; Século XX; Denúncia.

Abstract: This article reflects on the autobiographical traces present in the works of some Brazilian female writers of children's and young adult literature, considering the act of producing these texts as a genuine form of resistance against a patriarchal and exclusionary system. The study focuses on the problematization of writings by women born in the 20th century, who are representatives of children's and young adult literature and authors of autobiographical texts that reveal struggles, voices, power relations, lived contexts, and intentions. This discussion is situated within the fields of women's history, literature as a historical source, and autobiographical writing, considering the convergence of these perspectives as forms of denunciation and resistance. Essentially, this study also seeks to highlight that Brazilian female authors, embedded in different social, political, and economic contexts, have used self-writing to narrate imaginaries, sensibilities, and processes. Furthermore, autobiographical writing can impact and inspire new generations—readers of children's and young adult literature—to learn about the life stories of Brazilian women. This study considers the works of Alaíde Lisboa de Oliveira, Ana Maria Machado, Clarice Lispector, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Tatiana Belinky, and Zélia Gattai.

Keywords: Autobiography; Children's and Young Adult Literature; Brazilian Women Writers; 20th Century; Denunciation.

1 A ESCRITA DE SI: ESCRITORAS DE LITERATURA INFANTOJUVENIL NA NARRATIVA CONFESSIONAL E VIVENCIAL.

> *Como ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou o mais ininteligível dos seres vivos (Lispector, 2020, p. 136).*

O presente texto articula-se sobretudo na relevância do estudo sobre a memória, a condição e a escolha feminina, no entendimento de que as subalternidades e invisibilidades dos diversos campos da sociedade são imposições. O crescente interesse acadêmico em narrar vidas femininas reside, também, na necessidade de questionar tradições do âmbito literário e histórico que, por muito tempo, privilegiaram perspectivas masculinas, relegando as experiências e expressões das mulheres a um plano secundário. Essa desconstrução não se trata somente de inclusão, mas de uma importante reinterpretação crítica dos processos de construção de identidades, relações e da memória coletiva.

Essas vidas, inseridas em sua grande maioria na cena pública, revelam processos como a feminização do magistério, feminização cultural e feminização do trabalho editorial. De todo modo, o feminino, nos aspectos social, histórico, político e cultural, foi recriado pelas próprias mulheres, enfrentando estigmas e discursos inferiorizantes, escolhendo a falência dos modos falocêntricos de pensar e agir (Rago, 2013).

Mulheres se afirmam por outras palavras e gestos, e as práticas de dominação e de imposição são incapazes de contar suas histórias, que foram construídas em distintos campos da vida social e política e permeadas por formas concretas de resistência (Perrot, 2017). A história das mulheres como um campo de estudo acompanha a expansão dos limites de *Clio*, desnudando os pressupostos de uma historiografia polarizada por um sujeito humano universal, visualizando a complexidade de atuações femininas, problematizando a vida para além dos papéis de vítima a serviço do patriarcado e de rebelde que imaginou mil astúcias que burlassem as proibições (Soihet, 1997).

A narrativa da lógica masculina, sustentada em oposições binárias, segregantes e fragmentadas, vem sendo substituída por outros temas, molduras e dimensões. O desenvolvimento de novos aportes historiográficos, em acordo com outras áreas do

conhecimento, tais como a literatura, a educação, a antropologia, o jornalismo, assume profunda importância e desembrulha outras histórias.

Quando Soihet (1997) alertou para a escassez de vestígios sobre vidas femininas, produzidos por elas próprias, destacou a facilidade de se encontrar representações sobre as mulheres que têm por base discursos feitos por homens. Woolf (1928) semelhantemente atestou sobre a quantidade de escritos elaborados por esses, alguns sem qualificação, teorizando sobre as mulheres. A escritora britânica, contrapôs sobre como a mulher era retratada nos textos feitos por homens e como era tratada na vida real.

A escrita de si, um tipo de pista histórica, aqui tratada como prática de liberdade e ato político[1], foi e continua sendo produzida por mulheres partícipes de diferentes ambiências e temporalidades, autorizando o descortínio de intimidades, o respeito às psiques, o entendimento de que escolhas podem ser imposições, o rastreamento de intencionalidades e o descortinamento de ações. Para tanto, divergente nas escritas masculinas, diários pessoais, objetos da arqueologia feminina, depoimentos jornalísticos, fotografias, escritas autobiográficas são formas de expressão feminina que carregam a justa causa da libertação de seus corpos e mentes.

O espaço autobiográfico, por excelência, de expressão de uma pessoa, conhecido como modalidade discursiva e gênero literário, é também um jeito de se fazer história, possui uma cientificidade e busca referenciar uma realidade, o que não ocorre, por exemplo, na narrativa ficcional. Concerne à tríade autor/a, narrador/a e personagem em uma só identidade, divergindo da ideia de “pacto romanesco” como bem explica Alberti (1991), “[...] declaração de negação daquela identidade e atestado do caráter de ficção” (p. 76).

Rago (2018) destacou o valor do relato autobiográfico, produzido por mulheres, sejam elas pobres ou ricas, que desafiaram códigos da normatividade moderna, relações de poder, o machismo e a misoginia da cultura patriarcal. Tal registro, se caracteriza para além do ato de glorificar acontecimentos do passado em uma relação de exterioridade, ou de heroicizar a si mesma, mas problematizar e acolher os próprios olhares. Neste processo, o silêncio, ainda segundo a autora, é indubitavelmente o principal obstáculo, uma vez que se autobiografar, também significa contar dores, sofrimentos, experiências de luta, e inscrever-se como protagonista da História.

1 Sugerimos o entendimento problematizado por Arendt (2006).

> Educadas para a maternidade, para serem missionárias, enfermeiras e professoras, as mulheres são tacitamente convidadas a esquecerem-se de si mesmas, a renunciarem a si mesmas e a cuidarem do outro antes de qualquer coisa. Nesses casos, narrativas autobiográficas não seriam atraentes para a autoexpressão feminina. [...] Esse silêncio também é atribuído ao medo, à vergonha e ao sentimento de humilhação que paralisam as mulheres diante da terrível violência sobre seus corpos, entre estupros, mutilações e sequestros, sobretudo em períodos de guerra, de ditadura ou de outros conflitos militares. [...] o silêncio e o desejo de esquecer marcam o comportamento feminino muito mais do que a vontade de denunciar, já que na perversa cultura patriarcal em que vivemos são as vítimas e não os agressores, especialmente as do sexo feminino, as que são consideradas culpadas pelas atrocidades cometidas em seus corpos (Rago, 2018, p. 206-207).

As mulheres, independentemente de sua classe e etnia, são historicamente programadas para o silenciamento, ensinadas desde cedo a não chamarem atenção, a evitarem os olhares e a colocarem as necessidades alheias acima das suas. Rago (2018) evidenciou como esse processo de silenciamento é intrínseco à formação feminina: educadas para servirem, as mulheres são convidadas a renunciar a si mesmas, a esquecerem-se de sua própria existência em nome do cuidado com o outro. Em uma cultura patriarcal que perpetua a culpa sobre as mulheres que se expõem, paralisadas por sentimentos que foram cultivados nelas com esse propósito, silenciando suas vozes diante de violências extremas.

Diante desse contexto, o ato de se autobiografar surge como um rompimento poderoso desse paradigma. Ao narrarem suas próprias histórias, as mulheres desafiam o silenciamento histórico imposto a elas, reivindicando seu espaço e a visibilidade em um mundo que as condiciona ao esquecimento. A autobiografia feminina torna-se, assim, um ato de resistência e afirmação, onde cada memória registrada é uma recusa a se submeter ao silêncio, uma luta para existir e ser ouvida. Nesse sentido, a produção autobiográfica feminina não apenas desafia o paradigma patriarcal, mas também amplia o campo da memória coletiva, trazendo à tona experiências antes soterradas pelos escombros da invisibilidade.

Seja como escrita de si, autoescritura, autorrepresentação, autonarrativa ou qualquer outra modalidade, neste artigo, ao refletirmos sobre as marcas autobiográficas em escritas de autoras de literatura infantojuvenil, tencionamos a ideia da necessidade de falar de si, de contar para o mundo suas perdas e conquistas, de tentar tocar o público das futuras gerações. Assim, nessa construção, "[...] a constituição pode descrever uma situação punitiva e moral, como também pode trazer à tona per-

sonagens sociais que atuam no regime das forças e por meio do poder, da ética e da moral sobre outros" (Benjamin, 2018, p.28).

As perspectivas anteriormente mencionadas nos autorizam pensar que a narrativa autobiográfica, ainda que rara[2], é uma fonte valiosa para o estudo da história das mulheres, ofertando possibilidades de se conhecer experiências de luta e de superação, interpretações concernentes a variados períodos históricos. Tão importante como essa escrita é o ato de sua produção, que exige bravura e firmeza. Ou seja:

> Produzir relatos autobiográficos femininos, assim como escrever a história das mulheres, é, a meu ver, uma prática de resistência. Dar publicidade à própria vida é uma maneira de existir no mundo, de inscrever-se socialmente, de adquirir existência pública; é uma questão de reconhecimento social e de direitos. Dar publicidade ao próprio passado é uma maneira de apresentar-se segundo seu próprio olhar, muitas vezes destoante do olhar projetado socialmente; é, portanto, uma maneira de contrapor-se às formas de normalização imperantes em nossa cultura, que assignam identidades e constroem estranhas classificações sociais, sexuais e étnicas. É, portanto, uma maneira de instalar-se num espaço próprio, construindo uma casa, um abrigo seguro e uma identidade, protegendo-se e fortalecendo-se, no presente, graças às recordações do passado (Rago, 2018, p. 210-211).

Frente a esse obstáculo, pequenos detalhes, breves textos e os quase imperceptíveis documentos precisam ser observados, exigindo um trato historiográfico cuidadoso e atento. Ainda assim, como explanou Duque-Estrada (2009) é importante entender sobre o que a autobiografia pode ser e o que ela não pode ser, pois se trata de um processo que possui uma profunda dificuldade de cumprir sua principal missão: apresentar a verdade de uma vida reunida numa trama narrativa. De todo modo, a autobiografia se compromete com a ruptura e vem revelando ter conquistado a emancipação perante a ideia de subgênero da biografia.

> É por isso que, do ponto de vista do enunciado, o pacto autobiográfico prevê e admite falhas, erros, esquecimentos, omissões e deformações na história do personagem; possibilidades, aliás, que muitas vezes o autor mesmo – num movimento de sinceridade próprio à autobiografia – levanta: escreverá sobre sua vida aquilo que lhe é permitido, seja em função de sua memória, de sua posição social, ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento (Alberti, 1991, p. 76).

2 Menciona-se que estudos contemporâneos destacam o crescimento considerável de investigações biográficas sobre vidas de mulheres ocupantes de diferentes tempos e espaços. Excetuam-se as autobiográficas. Sugerimos a leitura de Dias (2023).

No âmbito de tais considerações, a recuperação da memória feminina, ainda que em breves relatos autobiográficos, é fundamental para a escrita da história das mulheres,

> [...] seja porque elas ainda permanecem como um grupo o qual a história, durante muito tempo, negou-se a investigar ou reservou-lhe um lugar sem qualidade, seja porque compõem um grupo social que, embora constitua a outra metade da humanidade, continua a sofrer diversas formas de opressão e de exclusão (Sousa, et.al., 1996, p.02).

Ao associarmos a autobiografia com a memória, a escolha e a condição feminina, nos aproximamos da concepção de que se trata de uma narrativa historicamente enriquecedora ao revelar e descortinar os lugares ocupados pelas mulheres e os tipos de ações empenhadas por elas em diferentes espaços sociais. Trata-se das dissidências, desobediências e das subalternidades dissonantes (Benjamin, 2018) presentes em tantas vidas, não somente aquelas pertencentes aos movimentos sociais e políticos, como também àquelas da vida privada que passam despercebidas.

Ou seja, é necessário atestar que narrar historicamente ações pessoais e profissionais, não pode ser visto como um movimento exclusivamente de pessoas conhecidas, renomadas, públicas, militantes, dentre outras. Narrativas pessoais, de todas as mulheres, com suas vozes enfraquecidas, que estão nas casas, escolas, igrejas, comércios, praças, também são determinantes para a compreensão de fraturas sociais.

As marcas autobiográficas de autoras de literatura infantil e juvenil, se aproximam bastante com o dito por Alberti (1991), ou seja, nos pareceu uma espécie de atualização da modernidade, é como se, “[...] ao lado da poesia, do romance, da peça teatral, da crônica, enfim, se reservasse àquele indivíduo, a suas reflexões e experiências particulares, um “gênero” literário específico, que permitisse a expressão de sua unidade e autonomia” (p. 73).

O descrito até aqui são pontos relacionados à escrita autobiográfica, não somente como gênero literário, mas como exercício histórico e na “[...] fricção com a categoria mulher e também na fronteira que borra as manifestações artísticas” (Benjamin, 2018, p.11). As produções de si, são fortes pistas que denunciam temas caros e que dão vazão a inúmeros debates de rechaço social.

Ao se dedicar ao estudo das produções escritas femininas, estudiosas e estudiosos procuram compreender as particularidades das vozes das mulheres na literatura,

que se destacam por uma sensibilidade diferenciada diante das questões de gênero, poder, resistência e transformação social. Essas falas revelam experiências marcadas pela vivência de desigualdades, desafios e a busca incessante por autonomia e reconhecimento, oferecendo uma rica pluralidade de perspectivas que ampliam a compreensão da condição humana.

No campo acadêmico, ouvir o que as mulheres têm a dizer, em especial por meio da autobiografia, permite desenvolver estudos interdisciplinares que dialogam com a história, a sociologia, a filosofia e os estudos culturais. Essa abordagem integradora favorece a desconstrução de estereótipos e uma possível revisão crítica de cânones literários, estimulando a reflexão sobre como as estruturas sociais e históricas moldaram as formas de expressão e o acesso ao conhecimento. Além disso, tais estudos possibilitam elaborar novas metodologias de análise, que consideram a subjetividade, a interseccionalidade e a diversidade de experiências das mulheres.

Culturalmente, o respeito e o espaço dados a essas produções promovem o reconhecimento e a celebração da identidade feminina, contribuindo para a construção de uma memória mais plural. Ao trazer à luz histórias que muitas vezes foram silenciadas ou deixadas à margem, ao considerarmos as vozes femininas, encontramos modelos de resistência e inspiração para as gerações atuais e futuras. Esse movimento não somente enriquece o panorama cultural, mas também funciona como uma ferramenta de empoderamento, incentivando a quebra de barreiras e a transformação de uma sociedade historicamente marcada pela desigualdade de gênero.

2 VOZES E NOMES FEMININOS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA: ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E DENÚNCIA.

> *Não eram de grandes registros, meus pais, não deixaram documentos, datas, escritos. Até mesmo minha certidão de nascimento desapareceu. Como a vida, os fatos para eles também eram voláteis. Terei que me servir quase que só da memória. E, em Asmara, a memória estava nascendo comigo (Colasanti, 2010, p.15)*

Em seção anterior, nos esforçamos para endossar a ideia basilar de que a escrita autobiográfica dispõe de uma essência científica, profundamente crítica e certamente combativa, em especial, aquela produzida por mulheres, vividas em uma sociedade conservantista. Ocorre que as vozes problematizadas neste escrito científico são também literárias, ou seja, produziram a partir de diferentes perspectivas poéticas destinadas ao público infantil e juvenil. Ainda que esse tipo de narrativa carregue uma caracterização permeada pela ludicidade, criatividade, imaginação, é fulcral observar uma política de significação que também denuncia e revela.

Ao refletir sobre a multiplicidade de caminhos, estilos, diretrizes que cruzam a produção literária infantil e juvenil, Coelho (2000) estabeleceu a existência de duas grandes áreas nas quais essas escritas inserem-se na contemporaneidade: a do questionamento — obras inovadoras, e a da representação — obras continuadoras. As obras inovadoras possuem a intencionalidade de questionar o mundo, procurando estimular leitoras/es a transformá-lo e as continuadoras buscam representar o mundo, procurando mostrar e denunciar caminhos ou comportamentos a serem assumidos, ou evitados, para a realização de uma vida plena e mais justa. A autora ainda acrescentou:

> Enfim, o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atual quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso (Coelho, 2000, p. 151).

Observemos intuitos para além do desejo de entretenimento, mas a busca pela conscientização nas crianças e jovens, a respeito de temas periféricos e marginalizados, como o bullying, a desigualdade, o racismo, a exploração sexual, violências, o trabalho infantil, dentre outras temáticas. Escritoras, ao escreverem sobre suas vidas de modo biográfico histórico, procuraram incentivar a contestação por meio dos exemplos vividos e vistos e, através da narrativa literária, procuraram instigar a reflexão via possibilidades imaginadas entremeadas por história. Em ambas as propostas, identifica-se o poder de moldar, sensibilizar, provocar, encorajar, criando uma ponte com as complexidades sociais, políticas, econômicas.

O que pretendemos ressaltar desde já, para além da histórica importância e indispensabilidade da escrita feminina introduzida na seção anterior, é que, como Alberti

(1991) esclareceu, o espaço da literatura, da criação literária, confere ao indivíduo, singularidade, de tal modo que a "[...] a arte de escrever, tal qual concebida em nossa cultura, revela seu ancoramento ao primeiro termo da dicotomia indivíduo x sociedade" (Alberti, 1991, p. 70). Em sua acepção, a literatura possui legitimidade própria, plena liberdade de criação, possível de tudo, capaz de revelar à sociedade sua loucura ao mesmo tempo que instiga o prazer da dúvida. A literatura não tem por objetivo a promessa de verdades absolutas, mas presenteia e enriquece narrativas históricas, proporcionando reflexões aprofundadas e inspiradoras que percorrem o trivial e o cotidiano, resultando profícuas investigações (Dias; Panizzolo, 2024).

Ao pensarmos nas confluências entre autobiografias, memórias e obras literárias, independentemente do público leitor, aproximamo-nos das reflexões de Moraes (2010) ao defender se tratar de documentos riquíssimos como testemunhos de visões de mundo, a fim de se compreender como mulheres e homens, no passado, conceberam a sua experiência histórica. Desse modo, não são importantes somente "[...] pela descrição de épocas, mas pela maneira como dialogam com outros discursos e outras vozes sociais. São importantes pelo que dizem de si e dos outros, pelos vestígios de sentimentos e tensões sociais que encerram" (Moraes, 2010, p. 133).

A exemplificação do cunho de malsinação pode ser construída a partir de muitas obras. Durante a ditadura militar, conjuntura reputada pela censura à imprensa, perseguição política, tortura, violações dos direitos humanos, repressão aos opositores políticos, Ruth Rocha, publicou as obras: *O reizinho mandão* (1978), *O rei que não sabia de nada* (1980) e *O que os olhos não veem* (1981), *Sapo vira rei vira sapo ou a volta do reizinho mandão* (1982). A autora, com humor, linguagem coloquial e sem artificialismo, lançou destaque às relações de poder, ao autoritarismo, aos graves problemas de distintas ordens que a sociedade vigente enfrentava. O cenário de terror político não impediu que a literata levasse para crianças a gravidade do dualismo opressores *versus* oprimidos.

Bento que bento é o frade (1977), *História meio ao contrário* (1978), *O menino Pedro e seu boi voador* (1979), *Raul da ferrugem azul* (1979), *Bem do seu tamanho* (1980) foram alguns dos livros escritos por Ana Maria Machado e publicados em tempos de repressão. Assim como Ruth Rocha, Ana Maria recorreu à palavra mediante diferentes enredos, contextos e personagens e assim se posicionou criticamente perante a antidemocracia imposta por militares, descortinando a ideia de que um livro para crianças é somente mais uma distração ou brinquedo.

Lygia Bojunga, nas obras *Os colegas* (1972), *A bolsa amarela* (1976) e *A casa da madrinha* (1978), trabalha com distintas angústias da infância, em constantes reflexões acerca das injustiças sociais que vivenciavam. Identifica-se em suas palavras uma forte perspectiva crítica acerca dos mundos constituídos por corpos de crianças, desembrulhando a ideia limitante de infância como algo sinônimo exclusivamente de inocência e promessa de futuro.

Nas escritas e nas vidas dessas mulheres, encontramos diferentes ações de enfrentamento, excedendo a sociedade patriarcal. Tiveram a competência de redigir e publicar suas composições intelectuais, talvez ameaçando, de certa forma, ideias postas (Dias, 2023). A dimensão política, em suas escritas literárias, descortina lugares de se educar as infâncias, denunciando as entidades que deveriam cuidar dessas e as vivências e sobrevivências precárias.

Escolher, de modo literário, tratar as infâncias e as juventudes com suas tensões, tramas e negações de diferentes ordens, como a social e a de afeto, significou uma tomada de decisão que não deixou de ser política ao combater invisibilidades e ao carregar inerentemente, a resistência ao silenciamento feminino — no caso das autoras — e das crianças e jovens — enquanto personagens, que foram e são sujeitos da história.

Martins (2013) nos convidou a pensar sobre essas literaturas como modo de refletir sobre o passado, o presente e quiçá o futuro da humanidade, observando a gravidade da crença “mito” da infância feliz, bem como o fato de que muitas narradoras não foram apenas expectadoras, mas possuíam um profundo conhecimento “[...] não só da dor de suas personagens como também do lugar de onde narram” (Martins, 2013, p. 122). Para a autora, a literatura pode se colocar como suporte de dor, debruçando sobre o sofrimento, para assim provocar a reflexão e ampliar a consciência de uma sociedade.

As concepções apresentadas nos instigam a questionar, a respeito dos ensejos das autoras em partilhar as dores, vividas e assistidas, em diferentes modos de escrita. Tanto nas autobiografias como nas literaturas infantojuvenis, o que temos são outros modos de se fazer história, de enxergar o mundo, constituí-lo e significá-lo. A resistência está na contraposição a sistemas ditatoriais, ao mercado editorial competitivo, ao abandono e a orfandade, ao discurso infundado de incapacidade intelectual feminina, possíveis julgamentos acerca da escolha literária, a escolha biográfica em sua essência histórica além de uma necessidade narcisista, as expectativas familiares e os estigmas de gênero, classe e etnia.

3 AS LITERATAS QUE OLHARAM PARA AS INFÂNCIAS, JUVENTUDES E PARA SI MESMAS.

> *O fato é que em todas as épocas houve mulheres fazendo coisas memoráveis: dirigindo impérios, criando tábuas de cálculo, descobrindo os segredos do universo, escrevendo a primeira literatura de autor que já se escreveu, liderando exércitos. Contamos com cientistas, filósofas, músicas, guerreiras, pintoras, escultoras, exploradoras... Não há um único campo social, artístico ou do conhecimento em que não tenhamos nos destacado. [...] Mas temos de ir além de mudar a visão do passado: é essencial que mudemos também a visão do presente. O modo como olhamos para nós mesmas.* (Montero, 2020, p. 12-13).

Em síntese, ao referenciarmos produções e reconhecer as particularidades da presença das mulheres na história e na literatura, atesta-se um esforço fundamental em também promover a justiça social e a diversidade cultural. Ao reexaminar e recontextualizar essas obras, a academia e a sociedade ampliam os horizontes do conhecimento, reconhecendo a importância de história(s) e de cultura(s) que abrace a pluralidade das experiências humanas e contribua para a construção de um futuro mais equânime. Considerando estes pontos, acredita-se ser de extrema relevância analisar as participações encontradas e problematizar as ausências e seus motivos. Com essa finalidade, e com base no aporte teórico até aqui explanado, compreendemos que era importante levantar os escritos autobiográficos, de escritoras, publicados por elas próprias, ainda em vida.

O levantamento das autoras seguiu critérios específicos para garantir que os nomes selecionados correspondessem ao recorte proposto. Primeiramente, consideramos: **escritoras brasileiras nascidas no século XX, cuja produção literária inclua, em sua maioria, livros voltados para o público infantojuvenil**. Além disso, buscamos identificar **produções com caráter autobiográfico**, fossem elas autobiografias convencionais ou escritas, que, de alguma forma, incorporassem elementos da experiência pessoal e/ou profissional da autora. O resultado está presente no quadro a seguir:

Quadro 01: Escritoras de literatura infantojuvenil e autobiográfica (Século XX)

Autora	Nascimento	Falecimento	Escritas com elementos autobiográficos	Publicação
Alaíde Lisboa de Oliveira	1904	2006	*Se bem me lembro...*	2002
Zélia Gattai	1916	2008	*Anarquistas, Graças a Deus*	1979
Tatiana Belinky	1919	2013	*Transplante de Menina*	2003
Clarice Lispector	1920	1977	*Água Viva / A Hora da Estrela*	1973/1977
Lygia Bojunga	1932	—	*O Rio e Eu*	1999
Marina Colasanti	1937	2025	*Minha Guerra Alheia*	2010
Ana Maria Machado	1941	—	*Recado do Nome*	2005

Fonte: As autoras (2025).

Os dados levantados revelam, contundentemente, que a produção autobiográfica de mulheres autoras nascidas no século XX é marcada tanto por conquistas quanto por ausências significativas. De um lado, constata-se que das sete autoras identificadas, apenas três conseguiram publicar possíveis escritas autobiográficas ainda no próprio século em que nasceram. Dado relevante ao observarmos a profusão de escritas publicizadas pelas autoras do quadro em meados da década de 1970. Por outro lado, a maioria dos registros identificados, como os de Alaíde Lisboa de Oliveira (publicada em 2002), Tatiana Belinky (2003), Marina Colasanti (2010), Ana Maria Machado (2005) foram publicados no século XXI.

Esse deslocamento temporal sugere uma hipótese relevante: a ampliação da discussão sobre o espaço e a autonomia feminina nos últimos anos pode ter sido um fator crucial para que essas autoras se sentissem (ou tivessem a oportunidade) de narrar suas vidas por meio de seus olhares e sentimentos. Em outras palavras, a emergência de debates sobre gênero e identidade, associada a uma maior valorização da experiência feminina, parece ter criado condições mais favoráveis para a publicação de conteúdo autobiográfico por mulheres. Observa-se também uma certa proximidade das datas de falecimento com os anos de publicação dos livros, dando a entender ao público um movimento de deixar registrado na história uma herança para a posteridade.

Adicionalmente, o levantamento quantitativamente pequeno evidencia ausências. É bastante plausível que muitas outras mulheres, apesar de possuírem potencial

para produzir obras autobiográficas, não tenham alcançado esse patamar — seja pela falta de acesso a espaços editoriais, seja pela invisibilidade histórica a que foram submetidas, mas sobretudo por conviverem com o mesmo silêncio e medo que refletimos no início deste artigo. Essa carência de registros não somente aponta para desigualdades estruturais na construção do cânone literário, mas também ressalta a necessidade de narrar histórias de autoras e respeitar que elas assim façam, com suas experiências legitimadas na esfera pública.

A análise dos dados, além de destacar as conquistas individuais das autoras que conseguiram publicar suas autobiografias, também problematiza a limitada representatividade e o silenciamento de inúmeras outras narradoras. Evidenciando a importância de ampliar a pesquisa e a valorização das presenças femininas na literatura e, por consequência, na história e na sociedade. A dinâmica encontrada aponta para a hipótese de que o avanço das discussões sobre o fortalecimento e a ampliação do espaço feminino contribuíram para que, recentemente - século XXI -, mais autoras se sentissem legitimadas a contar suas histórias.

Chama nossa atenção, também, o quanto é desafiador enumerar quais escritoras brasileiras de literatura, especialmente a literatura infantojuvenil, possam ter publicado obras autobiográficas, especialmente por dois fatores singulares. O primeiro porque não se pode precisar todas as autoras, tendo em vista que muitas delas não ganharam reconhecimento midiático. O segundo, e mais preponderante deles, é que, se uma obra não for declaradamente autobiográfica, não se pode afirmar o quanto essa publicação tem, de fato, elementos autobiográficos o suficiente para ser considerada esse tipo de escrita histórica.

Logo, sem dúvidas, a possibilidade de delimitação do gênero autobiográfico reside na própria fluidez entre a memória pessoal e a construção narrativa. Muitas obras apresentam uma hibridização entre a autobiografia e outros gêneros, como a ficção e o ensaio, dificultando a traçada de fronteiras claras. A presença de elementos ficcionais, a seleção subjetiva dos eventos e a influência do contexto social e cultural tornam o processo de categorização uma tarefa interpretativa, na qual os critérios utilizados podem variar conforme a perspectiva do/a pesquisador/a. Essa ambiguidade, por um lado, enriquece a diversidade dos relatos pessoais, mas, por outro, complica a sistematização e a análise acadêmica do gênero.

Portanto, a seleção das obras autobiográficas apresenta desafios significativos, uma vez que a delimitação do gênero nem sempre é precisa. A autobiografia tradi-

cional, entendida como o relato da própria vida em primeira pessoa, não é a única forma de registro da memória e da experiência pessoal. Muitas escritoras, sobretudo aquelas que se dedicam à literatura infantojuvenil, optam por um formato híbrido, mesclando ficção e realidade, exigindo-nos um olhar mais atento para identificar traços autobiográficos.

Algumas escritoras criaram personagens que refletem suas vivências e sentimentos, sem necessariamente explicitá-las como autobiográficas. Obras como *de Lygia Bojunga e* de Marina Colasanti exemplificam essa questão, pois, embora fortemente influenciadas pelas trajetórias das autoras, não seguem o formato convencional de uma autobiografia. Algumas dessas obras podem conter elementos autobiográficos, embora não sejam autobiografias completas.

Assim como acontece com Clarice Lispector. Embora as obras listadas não sejam designadas explicitamente como autobiografias, sua inclusão no levantamento se justifica pelos intensos elementos autobiográficos presentes em sua escrita. Em suas obras *Água Viva (1973)* e *A Hora da Estrela (1977),* a escrita introspectiva de Clarice explora a memória e o eu de maneira profunda, misturando subjetividade e experiência pessoal. Esses aspectos geram uma interpretação próxima da vivência autobiográfica, refletindo a complexidade da autoria e da identidade, compondo por isso nossa listagem, apesar de sua forma pouco convencional. Dessa forma, mesmo sem serem autobiografias nominadas, seus textos dialogam com o universo autobiográfico, ampliando o espectro de possibilidades de representação das vivências femininas e contribuindo singularmente para a compreensão da produção autobiográfica.

A literatura infantojuvenil frequentemente incorpora experiências pessoais das autoras, mesmo que ficcionalmente. Além disso, a definição desse tipo de literatura nem sempre é rígida. Algumas autoras possuem produções variadas, transitando entre diferentes públicos, o que exigiu uma análise cuidadosa para garantir que a inclusão se justificasse no recorte proposto.

Portanto, o levantamento exigiu um cruzamento criterioso de informações, considerando tanto as características formais das obras quanto a trajetória das autoras, visando reunir um conjunto, o mais representativo possível, de escritoras que, de alguma forma, trouxeram suas próprias experiências para suas escritas voltadas ao público infantil e jovem.

Elaborar uma lista completa de todas as autoras mulheres que contribuíram para a literatura infantojuvenil brasileira, em especial no século XX, é uma tarefa complexa,

pois esse campo é bastante vasto. Há muitas autoras, algumas reconhecidas amplamente e outras que, apesar de importantes, podem não figurar em listas tradicionais. Os critérios de relevância dessas autoras, para aparecerem em estudos e pesquisas, podem variar conforme a perspectiva (influência, premiações, circulação de obras, entre outros). Além disso, a historiografia da literatura infantojuvenil no Brasil tem-se reconstruído ao longo dos anos, ampliando o olhar sobre nomes que por muito tempo ficaram à margem de relatos oficiais.

O mapeamento da escrita autobiográfica por autoras mulheres revela não apenas a construção de exposições pessoais, mas também a luta por visibilidade e o registro de uma identidade historicamente silenciada. Quantas delas tiveram espaço, apoio e condições de levar adiante seus escritos? Quantas desistiram por falta de incentivo, pois mesmo com alguma notoriedade, só conseguiram realizar publicações do tipo no século seguinte? Essas questões precisam ser consideradas para entendermos o motivo de tão poucas delas terem conseguido realizar publicações autobiográficas.

Historicamente, o que as mulheres tinham para contar foi frequentemente desconsiderado, tanto por um cânone literário dominado por figuras masculinas quanto por estruturas sociais que impunham limitações à expressão feminina. Essa invisibilidade impediu que as experiências únicas das mulheres fossem registradas e interpretadas como parte integral da história e da cultura de seus tempos. Assim, o estudo dessas autoras não apenas amplia o panorama da literatura, mas também oferece uma reinterpretação crítica da história, na qual as vozes femininas, antes relegadas aos bastidores, passam a ocupar centralidade.

Consideramos que a autobiografia, emerge como ferramenta poderosa para subverter a narrativa oficial, permitindo que as autoras revelem aspectos de suas vivências, angústias e conquistas que, de outra forma, permaneceriam ocultos. Ao recorrer à história pessoal, essas mulheres desafiam a imposição de modelos de comportamento e de escrita que buscavam silenciar ou restringir suas identidades. Cada relato autobiográfico torna-se, portanto, um testemunho da resistência contra as estruturas patriarcais e uma celebração da capacidade de atribuir o protagonismo devido à própria história. Lamentamos que isso só esteja se tornando comum somente agora, e que tantas outras autoras, esquecidas no tempo, não tenham tido o mesmo benefício. Nas obras pesquisadas é possível identificar e considerar vários desses aspectos contribuintes para essas propostas que aqui são defendidas.

A obra *Se bem me lembro...* (2002), de Alaíde Lisboa de Oliveira, exemplifica como a história de vida se transforma em um instrumento de resistência. Escrito em um momento em que a discussão sobre empoderamento feminino ganhava novo impulso, o relato permite compreender os desafios enfrentados por uma mulher de sua geração, marcando a importância de registrar experiências que, de outra forma, poderiam permanecer invisíveis. De forma semelhante, *Anarquistas, Graças a Deus* (1979), de Zélia Gattai, entrelaça vivências pessoais com aspectos históricos e políticos do Brasil, revelando uma identidade feminina ativa e engajada. O relato de Zélia destaca a singularidade de sua trajetória e oferece uma perspectiva sobre como a experiência individual se conecta com movimentos sociais e com a construção de espaços de liberdade e contestação.

Tatiana Belinky, em *Transplante de Menina* (2003), ressignifica a experiência da infância ao utilizar elementos autobiográficos que atuam como um “transplante” da memória pessoal para o imaginário coletivo, permitindo que o relato de si mesma dialogue com questões identitárias mais amplas. Já Clarice Lispector, com *Água Viva (1973) e A Hora da Estrela* (1977), transforma a memória e a subjetividade em elementos centrais de sua escrita. Ao transitar pela tênue linha entre o real e o imaginário, Clarice inaugura caminhos para a escrita autobiográfica, onde a busca por identidade e autenticidade se funde com reflexões existenciais profundas, desafiando os limites impostos pela sociedade.

Lygia Bojunga, por sua vez, em *O Rio e Eu* (1999), expande os limites do discurso tradicional ao mesclar realidade e fantasia. Essa abordagem reforça a ideia de que a experiência pessoal é multifacetada e dinâmica, permitindo uma transgressão das convenções que historicamente restringiram a expressão autobiográfica feminina.

Marina Colasanti, com *Minha Guerra Alheia* (2010), propõe uma reflexão sobre os conflitos internos e a negociação das identidades em meio às transformações sociais. Seu relato, que dialoga com a ideia de uma “guerra” interna e coletiva, ressalta a importância do resgate da memória e da experiência vivida como forma de resistência. Em *Recado do Nome* (2005), Ana Maria Machado oferece uma releitura simbólica de sua própria identidade, transformando o ato de escrever em meio para reconstruir sua história pessoal e, simultaneamente, dialogar com as múltiplas facetas da existência feminina, evidenciando o potencial da autobiografia como ferramenta de afirmação e crítica social.

Essas narrativas, ao mesmo tempo, em que ressaltam a importância de registrar experiências individuais e envolvidas em uma coletividade, problematizam as limitações históricas que restringiram a produção autobiográfica de muitas mulheres. Se, por um lado, as obras analisadas confirmam a relevância da autobiografia como ferramenta de resistência e afirmação pessoal, por outro lado, elas evidenciam que inúmeras outras autoras, com potencial para contribuir para esse campo, foram silenciadas ou permaneceram à margem do reconhecimento. Esse panorama reforça a necessidade de ampliar as pesquisas e valorizar todas as vozes femininas, produzindo histórias presentes nas interseções entre a memória individual e a memória coletiva, essenciais para a construção de um retrato mais completo da experiência social no Brasil.

Ao realizar o levantamento dessas obras, esperamos contribuir para uma maior democratização do conhecimento e para o fortalecimento dos estudos e da atuação do gênero feminino, sobretudo nos campos da história, da literatura e da educação de forma geral. Ao evidenciar as trajetórias de mulheres que enfrentaram barreiras e desafios não apenas no campo literário, mas em todas as áreas do saber, cria-se um espaço para o reconhecimento da diversidade de experiências e da complexidade das relações sociais. Essa revalorização é crucial para podermos compreender a evolução dos direitos das mulheres e os inúmeros esforços necessários para romper com um passado marcado por exclusão e opressão.

Em suma, os questionamentos aqui apresentados e a reflexão acerca da produção de autoras, sobretudo essas que incorporaram a autobiografia em suas obras, é fundamental para a construção de uma versão mais plural e justa da história. Ao revelar as nuances de suas experiências pessoais, essas escritoras não apenas reivindicam suas vozes, mas também contribuem para a defesa de legados que desafiam a trajetória de silenciamento imposto às mulheres. Não só o estudo dessas obras se torna indispensável para a promoção de uma cultura que valorize a diversidade, a memória e a emancipação feminina, abrindo caminho para futuras gerações que poderão encontrar nesses relatos uma fonte de inspiração e empoderamento. Mas também a problematizações levantadas a partir da observação de todos os aspectos que permeiam essas autoras, suas escritas, as facilidades e as barreiras que, supomos nós, cada uma encontrou.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> *Usava o termo "atrevimento" para tudo: coragem, audácia, heroísmo, destemor, obstinação, irresponsabilidade e' atrevimento mesmo (Gattai, 1980, p.3).*

No que tange às referências bibliográficas, as autoras deste artigo optaram por referenciar exclusivamente mulheres, uma escolha que não é somente metodológica, mas política. Ao trazer à tona autoras que tiveram a coragem de falar de si, registrando suas próprias histórias em narrativas autobiográficas, seria um contrassenso recorrer a autores masculinos para embasar uma escrita sobre elas. Isso significaria, mais uma vez, submeter a vivência feminina à lente do discurso masculino, que por séculos se apropriou da palavra para definir, interpretar e até silenciar as experiências das mulheres. Aqui, o compromisso é outro: permitir que aquelas que ousaram escrever sobre si mesmas sejam lidas, compreendidas e aprofundadas a partir da voz de outras mulheres. Afinal, quem melhor para definir a (sobre)vivência feminina senão aquelas que a atravessam?

Ao identificarmos marcas autobiográficas nas produções de autoras de literatura infantojuvenil, observamos se tratar de um modo de registro histórico plural, passível de ser utilizado por qualquer mulher da cena pública ou privada, que se interesse por narrar suas memórias. Não se trata de usar esses escritos para inseri-las em conjunturas, mas questionar e tencionar tais processos. As escritoras mencionadas, ao produzirem diferentes tipos de textos, romperam silêncios e enriqueceram uma história, por muito tempo construída por metades. Se colocaram como partícipes e protagonistas, elaborando bifurcações teóricas e metodológicas, e revelando indícios de sentimentos, visões, experiências vividas por mãos que passaram grande parte da vida encantando gerações, através da imaginação, com ensinamentos e reflexões sociais de maneira lúdica.

Por fim, resta-nos uma pergunta que, sendo também levantada por mulheres, não pode ser silenciada, pois não há mais espaço para calar os questionamentos femininos: até que ponto essas mulheres, corajosas o suficiente para falarem de si, semeiam, em sua produção ficcional, raízes fortes o bastante para florescerem nas jovens leitoras, e sustentarem galhos frondosos que abriguem outras mulheres, impedindo que as atrocidades do passado se repitam no futuro?

As mulheres mencionadas, escritoras de literatura infantojuvenil, nascidas no século XX, também foram criadas historicamente no cenário delineado pelo patriarcalismo, para atender à lógica do cuidado. Elas subverteram esse sistema, ocuparam a vida pública, transformando o espaço literário em um território de resistência, não só pelo fato de escreverem textos destinados ao público infantil e juvenil, mas ao produzirem autobiografias. Suas obras, voltadas a esse público, não apenas educam, mas também subvertem, mostrando que as mulheres podem — e devem — ocupar todos os espaços de fala, inclusive aqueles tradicionalmente relegados ao silêncio. Nesse sentido, ao narrarem suas próprias trajetórias, essas escritoras ampliam o repertório de vozes femininas na literatura, inspirando novas gerações a reivindicarem o direito de contar suas próprias histórias. Não só pelas suas produções literárias voltadas para esse público, mas por meio da inspiração, da bravura do ato de escrever, da escrita de si e do caráter denunciante que permeia suas obras, tanto suas autobiografias, como suas obras literárias.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, vol. 4, nº 7, 1991. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2313/1452. Acesso em: 13 fev. 2025.

ARENDT, Hannah. *O Que é Política?* Trad. Reinaldo Guarany. 6Ş ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BELINKY, Tatiana. *Transplante de menina.* São Paulo: Ática, 2003.

BENJAMIN, Flaviana. *Poéticas de Si.* Autobiografia como estratégia artística de subversão das mulheres. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas)-Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BOJUNGA, Lygia. *Os colegas.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

BOJUNGA, Lygia. *A casa da madrinha.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

BOJUNGA, Lygia. *O Rio e Eu.* São Paulo: Salamandra, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil.* Teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLASANTI, Marina. *Minha guerra alheia.* Rio de Janeiro: Record, 2010.

DIAS, Ana Raquel Costa. *Biografias de Mulheres na História da Educação:* Benedicta Stahl Sodré, Branca Alves de Lima e Iracema Furtado Soares de Meireles (Século XX). 2023. 391 f. Tese (Doutorado e m Educação)-Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

DIAS, Ana Raquel Costa; PANIZZOLO, Claudia. História da Educação & Literatura: memórias sobre Dona Lonita em Diário de Bitita (1977). *Educação & Linguagem*, v.27, nº 01, 2024. Disponível em: https://revistas.metodista.br/index.php/educacaolinguagem/article/ view/1042/907. Acesso em: 23 fev. 2025.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires Autobiográficos.* A atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009.

GATTAI, Zélia*. Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Editora Record,1980.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva.* 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1973.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela.* 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1973.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MACHADO, Ana Maria. *Bento que bento é o frade.* São Paulo: Salamandra, 1977.

MACHADO, Ana Maria. *História meio ao contrário.* São Paulo: Ática, 1978.

MACHADO, Ana Maria. *O menino Pedro e seu boi voador.* São Paulo: Ática, 1979.

MACHADO, Ana Maria. *Raul da ferrugem azul.* São Paulo: Salamandra, 1979.

MACHADO, Ana Maria. *Bem do seu tamanho.* São Paulo: Salamandra, 1980.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MARTINS, Georgina. Narradores da exclusão ou a infância pobre na literatura brasileira contemporânea. *Est. Lit. Bras. Contemp.* Brasília, nº 41, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/elbc/a/9s8nCQbyF6bnfFFWXZPTcXd/. Acesso em: 15 jan. 2025.

MONTERO, Rosa. *Nós, mulheres:* grandes vidas femininas. São Paulo: Todavia, 2020.

MORAES, Dislane Zervinatti. Fontes (auto)biográficas na pesquisa em educação: "Um relógio solar histórico-sociológico". *In:* BARBOSA, Raquel Lazzari Leite; PINAZZA, Mônica Appezzato. *Modos de narrar a vida:* cinema, fotografia, literatura e educação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Se bem me lembro ...* São Paulo: Mazza, 2002.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História:* operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se:* feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas–SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: nos bastidores da pesquisa. *In:* AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia hoje?* São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ROCHA, Ruth. *O reizinho mandão*. São Paulo: Quinteto, 1978.

ROCHA, Ruth. *O rei que não sabia de nada.* Rio de Janeiro: Salamandra, 1980.

ROCHA, Ruth. *O que os olhos não vêem.* Rio de Janeiro: Salamandra, 1981.

ROCHA, Ruth. *Sapo vira rei vira sapo ou a volta do reizinho mandão*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Domínios da História.* Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de; BUENO, Belmira Oliveira. Memória e autobiografia. Formação de mulheres e formação de professoras. Ver. Bras. Educ. [online]. 1996, nº 02, p. 61-76. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413=24781996000200006-&script-sci_abstract. Acesso em: 13 fev. 2025.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu.* Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo, 1928.